

Catetinho não sai se depender do Ibama

Durante seminário, gerente do órgão reage às críticas

ALINE FONSECA

 seminário *O Meio Ambiente e o Desenvolvimento Econômico e Tecnológico Sustentável no Distrito Federal*, organizado pela Câmara Legislativa ontem, acabou servindo de desabafo para o gerente-executivo do Ibama-DF, Francisco Palhares. Alvo de críticas de outro palestrante do evento, o vice-presidente da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra) Ricardo Caldas, Palhares afirmou que o Ibama não será demonizado por buscar soluções ambientais para o DF.

"Por vezes passo por demônio porque tento discutir a ânsia que ações imediatistas podem trazer", falou Palhares. "Para fazer um acordo conosco é preciso respeitar o meio ambiente", disse o gerente-executivo do Ibama-DF.

Palhares se exaltou depois da fala de Ricardo Caldas, que lembrou os empreendimentos do GDF pendentes no Ibama-DF como o Catetinho, a Cidade Digital e o Pólo JK. "Não vamos pactuar com o Catetinho, que está em cima de uma bacia que não suporta dez por cento do esgoto previsto para ser lançado. A questão ambiental não é de loucos apaixonados, mas de dar às gerações futuras uma vida decente", falou Palhares.

Depois da criação da Área de Proteção Ambiental do Planalto Central por decreto presidencial em janeiro de 2002, 60% do território do DF está sob tutela ambiental do Ibama-DF. "Empresários de Taiwan estão interessados em investir no DF, temos condições de fechar negócio, mas essa possibilidade está ameaçada. Não existe emprego sem

empresa", disse Caldas, em uma crítica à demora do licenciamento desses empreendimentos pelo Ibama.

Ironicamente, a discussão entre o vice-presidente da Fibra e o gerente do Ibama-DF exemplificou o tema do seminário: o desencontro entre as ações de desenvolvimento econômico, que cria empregos e renda para o DF e a tentativa de torná-lo sustentável, ou seja, para que os recursos naturais sejam utilizados, mas não esgotados para contabilizar como qualidade de vida para a população.

Segundo o representante do Fórum das Organizações Não-Governamentais Ambientalistas do DF Luiz Ernesto Mourão de Sá, o que falta é a percepção de que é preciso planejar de forma abrangente, incluindo os impactos ao meio ambiente. "